

RESENHA: PARA NÃO PERDERMOS A SENSIBILIDADE, A PRIVACIDADE E A MEMÓRIA

*Sandra Mara Bragagnolo*¹

Recebido em: 15 mar. 2015

Aceito em: 11 abr. 2016

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 264 páginas.

Cegueira moral é último livro da obra, em formato epistolar, do polonês Zygmunt Bauman com Leonidas Donskis. Bauman atribui o conceito de liquidez à modernidade em uma grande lista de publicações. Este sociólogo, nascido na Polônia e morador da Inglaterra desde 1971, é professor emérito das universidades de Varsóvia e Leeds. Competente na análise de fatos cotidianos, escreveu *Cegueira Moral* a partir de correspondência trocada com Leonidas Donskis, filósofo e cientista político lituano. Donskis é professor na Universidade de Vytautas Magnus, na Lituânia, e membro do Parlamento Europeu. Ambos os autores são historiadores de ideias e analisam o comportamento humano na modernidade.

Os autores, pela primeira vez escrevendo em parceria, dialogam sobre e analisam o que chamam de “cegueira moral”, considerada por eles o novo mal da humanidade. Segundo eles, no ritmo acelerado do mundo de hoje, torna-se muito difícil alguém fixar a atenção em algo realmente importante. Dessa forma, corre-se o risco de perder a sensibilidade em relação aos outros. É a partir dessa concepção que se estabelece o diálogo entre os dois, no qual expõem suas ideias a partir de reflexões e contextualizações históricas que, ao mesmo tempo em que dão consistência aos seus discursos, também facilitam ao leitor sua compreensão.

1 Especialista em Metodologia do Ensino de Línguas pela Universidade do Contestado (2007) e mestranda pelo Programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade pela UNIARP.

As ideias são apresentadas em cinco capítulos. No primeiro, intitulado “Do diabo a pessoas assustadoramente normais e sensatas”, a centralidade das discussões recai sobre a privacidade. São apresentados fatos históricos que conduzem a humanidade para a intolerância e para a perda de noção da privacidade.

Donskis alerta para os monstros abrigados dentro de pessoas decentes e destaca que o que acontece a esse monstro e se ele poderá ser contido é a grande questão. Destaca também que o diabo (lembrado a partir da reflexão que faz sobre um romance faustiano) pode privar um ser humano de sua memória. Sem memória, as pessoas se tornam incapazes de qualquer questionamento crítico sobre si mesmas e sobre o mundo.

Bauman fala sobre a abolição total da privacidade, que aparece como algo que leva à manipulação de segredos das pessoas e abuso de sua intimidade. Isso ocorre a partir da revelação consentida, ou seja, da autorrevelação em reality shows e outras ações de autoexposição intencional e prazerosa em mídias sociais. Segundo Bauman, houve uma profunda mudança da visão das pessoas sobre o que deve ser público e o que deve permanecer privado. O resultado, de acordo com ele, é uma sociedade confessional.

A discussão dos autores, nesse capítulo, conduz para a ideia de que as pessoas tornaram-se mercadorias, o que leva à conclusão de que o privado, o íntimo, o sigiloso simplesmente não fazem parte das premissas da sociedade de consumo. Nessa sociedade, todos são consumidores de mercadorias. Sendo mercadorias, as pessoas se veem obrigadas a criar demanda de si próprias. Os blogs e o Facebook são as versões do mercado escolhidas para a exposição delas.

No segundo capítulo: “A crise da política e a busca de uma linguagem da sensibilidade”, Donskis diz que a tecnologia ultrapassou a política, afirmando que só se torna visível o político que utilize talk-shows da TV ou novidades da Tecnologia da Informação. Cita alguns dos atuais “palhaços políticos” e os compara aos políticos à moda antiga, conduzindo o leitor à reflexão sobre o que seria realmente de se esperar de um político a partir do que seja a função da verdadeira política para a sociedade. Também segundo Donskis, na era do Facebook, tudo se resume a estar ou não on-line com respeito aos problemas da nação,

ao invés de decidir sobre permanecer ou não naquele lugar ou votar ou não nas pessoas envolvidas. Os partidos políticos, na era do Facebook, só sobreviverão se começarem a agir como os movimentos sociais e se se ligarem a eles. Se não o fizerem, tornar-se-ão irrelevantes e inúteis talvez até a segunda metade do século XXI.

Bauman sabiamente lembra que não são os machados que decidem sobre cortar árvores ou decepar cabeças. A decisão é de quem os segura. O autor fala sobre o poder como a capacidade de “fazer com que as coisas aconteçam”; e sobre política, como “a capacidade de garantir que sejam feitas as coisas certas”. O autor fala também sobre a “precarização”, referindo-se às diferenças econômicas e de acesso ao poder; e explicando que os “precários” têm poucos motivos para respeitar outros na mesma condição.

Ambos os autores concordam que os atos de resistência e inquietação social antecipam uma era de movimentos sociais virtuais, os quais são conduzidos ou integrados por partidos políticos novos. Não sendo assim, os partidos políticos serão extirpados. A discussão dos autores leva a concluir que as tecnologias não vão promover o avanço da democracia e dos direitos humanos. São pessoas que farão (ou poderão fazer) isso.

No terceiro capítulo: “Entre o medo e a indiferença: a perda da sensibilidade”, Donskis trata o medo como alimento do ódio, citando a incerteza, a insegurança e a falta de proteção como típicas da modernidade.

Bauman elenca como causadoras do medo: a ignorância, a impotência e a humilhação, que sempre existiram, existem e continuarão a existir. Em contraposição: certeza, segurança e proteção hoje são difíceis de serem alcançadas. A hostilidade, segundo ele, terminaria se desejos individuais e demandas sociais fossem atendidos simultaneamente. Ansiedade e depressão são doenças comuns que atormentam as pessoas que são obrigadas a assumir a sua “precariedade”, denotando a incerteza existencial.

Ao ler esse capítulo, em que o diálogo conduz para a ideia de que cada sociedade tem seus medos específicos em relação a sua época, vê-se que esses medos, hoje, são também comercializados. O medo é moeda no jogo de poder. A incerteza e a vulnerabilidade são os alicerces

do poder político. O Facebook novamente é visto como a forma de lutar contra a não existência e não presença das pessoas no mundo. A busca por atenção torna-se cruel, as pessoas precisam se tornar celebridades para obter atenção, pois a indiferença é sinal de fracasso.

“Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios” é o tema do quarto capítulo. Donskis fala, no campo da pesquisa, de um paradoxo instalado, pois se vive na era da globalização, mas se prega a ideia do “faça você mesmo”. Este autor escancara a realidade da competição e a tirania tecnocrática e burocrática implementada em nome da liberdade e do progresso. E destaca que são precisos exemplos de liberdade de pensamento e integridade intelectual por parte dos professores para que os alunos aprendam esses valores.

Bauman também destaca o papel do professor, que é, segundo ele, quem pode mostrar aos alunos a articulação daquilo que fazem e provarem a importância de seus ensinamentos em termos não contemplados pelo mercado. O autor lembra o “dilúvio de informação”, associando-o a um mercado de consumo congestionado, em que tentação e sedução são a tônica das relações.

No quinto capítulo “Repensando a decadência do Ocidente”, os autores debatem a profecia de Oswald Spengler, que critica a ideia de progresso e elabora uma teoria cíclica das culturas (popular no período entreguerras), prevendo a decadência do ocidente. Esta obra teve forte impacto nos meios intelectuais e políticos na época de sua publicação, devido, segundo Donskis, ao militarismo difícil de se justificar e altamente delirante.

Donskis fala que as ideias de Spengler, hoje, tornaram-se clichês, compondo um “discurso egocêntrico e interesseiro” sobre coisas improváveis, não distante, em espírito, de outras formas de promoção do pânico moral e de previsões sensacionalistas. Afirma ser difícil não concordar com Spengler, quando asseverou que o único problema da humanidade é ganhar a vida e sobreviver.

Bauman concorda com a reflexão de Donskis e questiona a autoconfiança da humanidade sobre sua capacidade de enfrentar as adversidades, afirmando que desastres sociais destroem certezas.

A leitura do capítulo, bastante densa e instigante, leva a concluir que a cultura é produto da história, é a possibilidade e a realidade, pois,

em todos os tempos, há o confronto entre as pessoas e o mundo como natureza (influenciado pela casualidade) e como história (influenciado pelo destino). O mal não é mais personificado (tal como o foi em Hitler ou Stalin). Nos dias atuais, é difícil de reconhecê-lo, pois se oculta sob as máscaras do anonimato da rudeza e do não reconhecimento.

A leitura da obra como um todo se torna mais consistente se o leitor detiver conhecimentos prévios sobre teorias sociais, políticas e econômicas, especialmente sobre as que influenciaram e marcaram a evolução da Europa. Mesmo assim, é possível extrair excelentes reflexões e subsídios para análise da realidade e visualizar na modernidade os efeitos culturais, construídos pelas ações e desejos da humanidade na era líquida.

Todas as análises feitas por Bauman e Donskis são embasadas em questionamentos atuais, que têm sua origem em algum momento de ruptura e alteração cultural. E é isso que engrandece a obra, o fato de toda as questões levantadas serem profundamente discutidas sob o enfoque de suas origens, o que permite que todo ser humano que a leia, independentemente de sua origem, contextualize e adquira nova visão e entendimento da realidade.